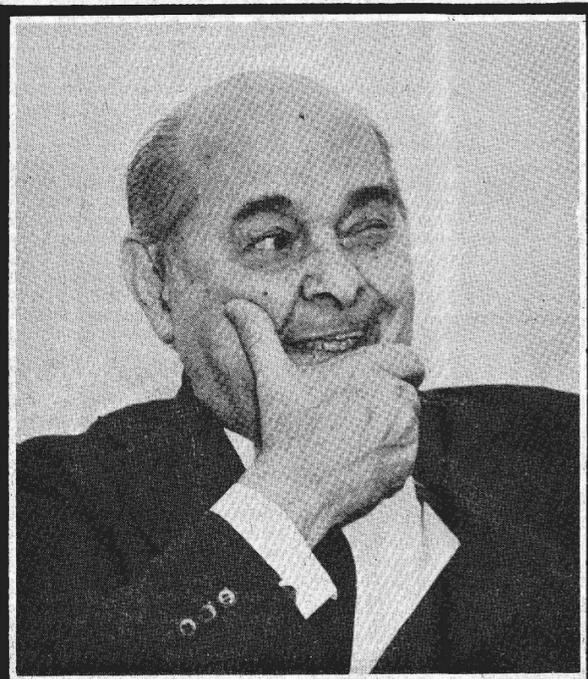
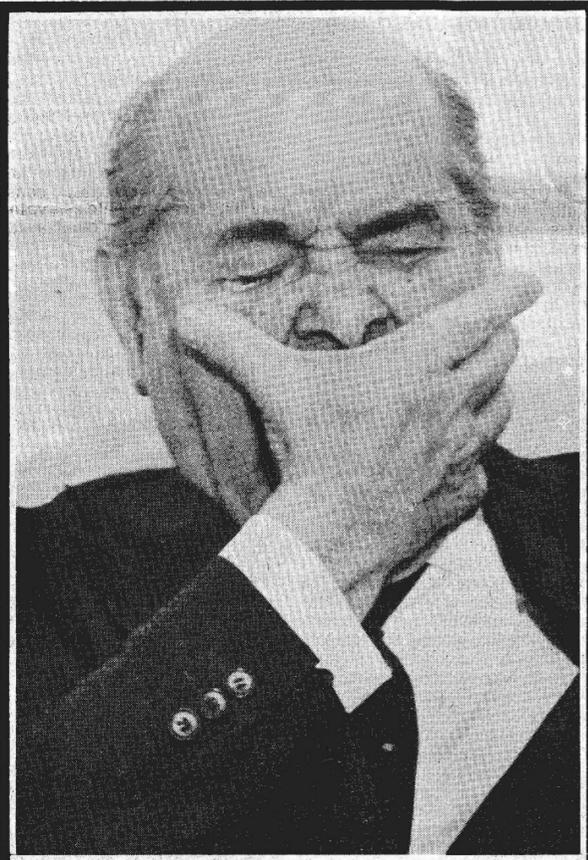
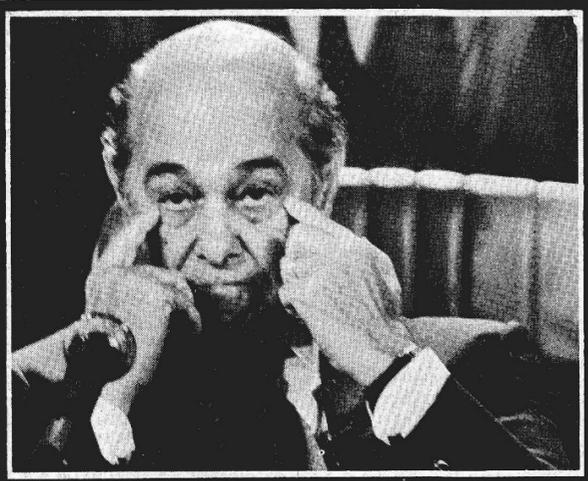


País conhece na dor grandeza de Dona Risoleta

Ela governaria ao lado do marido, a quem sempre deu conselhos e ajudava a redigir os discursos



Na noite de domingo de Páscoa, quando uma senhora com a voz firme, contendo a emoção e o desgaste de uma sobrecarga emocional muito grande, surgiu no vídeo de milhões de brasileiros falando em fé, e pedindo que o povo mantivesse a esperança, o País inteiro viu surgir uma primeira dama que ainda não conhecia.

Uma primeira dama diferente, sem o sorriso telegênico ou a figura feminina bem vestida e maquiada para preencher um espaço protocolar.

Dona Risoleta Tolentino de Almeida Neves exerceria um papel bem diferente do desempenhado por esposas de presidentes (uma das raras exceções em longa lista é o de Sarah Kubitschek). Sem exagero, ela governaria com o marido. Não no sentido da tutela, mas de assessoria.

E o próprio Tancredo Neves não escondia de ninguém que a opinião da esposa sempre foi acatada, pela objetividade com que expunha, mesmo quando contrariava frontalmente seus pontos de vistas e posições políticas.

Um discurso importante, por exemplo, Tancredo não passava para nenhum *ghost-writer* a incumbência de prepará-lo. Ele mesmo se reservava o trabalho de prepará-lo em sua fazenda em Cláudio, a 140 quilômetros de Belo Horizonte. Assim ocorreu quando foi empossado ministro da Justiça, no governo Getúlio Vargas, governador de Minas, no dia que foi eleito presidente e até mesmo no que faria ao receber a faixa presidencial.

Só que cada texto era lido em voz alta para uma atenta ouvinte, que sugeria modificações em algumas frases ou que alguns parágrafos fossem acrescentados. Ninguém mais interferia no conteúdo de um discurso de Tancredo, só Dona Risoleta.

Justamente por isso não causou muitas surpresas para as pessoas que conheciam a forte influência da esposa de Tancredo em seu comportamento político, a segurança e objetividade com que falou pela televisão na noite do domingo de Páscoa, arrancando lágrimas e comovendo o Brasil.

Dona Risoleta não era apenas a mulher de um político; também é uma mulher política, com uma sensibilidade que começou a ser conhecida pelo público nos momentos mais dramáticos vividos no Hospital de Base de Brasília e no Instituto do Coração, em São Paulo.

Foi durante a viagem que o presidente eleito fez pela Europa, em janeiro, logo depois da reunião do Colégio Eleitoral, que a postura de Dona Risoleta, serviu para avaliar como seria seu desempenho no papel de primeira dama que não chegou a desempenhar.

Uma pessoa extremamente simples, a tal ponto que chegou a ser surpreendida pelas camarceiras do Hotel Excelsior, em Roma, fazendo a bainha do casaco que vestiria pouco depois no embarque para Lisboa, porque notou que estava comprida demais. Ele mesma pegou agulha e linha e se incumbiu desse trabalho.

Discreta, assim foi como primeira dama de Minas Gerais, onde desenvolveu um eficiente trabalho de assistência social e só ganhou espaço na imprensa em junho do ano passado, quando um acidente doméstico a obrigou passar alguns dias hospitalizada, em observação, porque os médicos temiam que houvesse a grave consequência de um traumatismo craniano, provocado pela queda que havia sofrido.

No mesmo Domingo de Páscoa, quando surpreendeu a Nação transmitindo fé e esperança, Dona Risoleta também teve o gesto de percorrer os corredores do Instituto do Coração distribuindo ovos de Páscoa entre enfermeiros e os médicos que assistiam seu marido.

E ainda nesse mesmo dia, na mesma aparição pela televisão, Dona Risoleta exibiu outro traço de sua personalidade: o de dizer o que sente, sem esconder nada: foi justamente quando se referiu às pessoas com maldade no coração e que transmitiam o oposto da fé e esperança quanto ao restabelecimento de seu marido.

Uma mulher simples, que teve sua elegância caracterizada pela preferência pelo *tailleur* no estilo Chanel, sempre mantendo a classe de uma mulher que não se descuida da maneira de se apresentar, mesmo nos momentos mais dramáticos.

Por exemplo, durante todos esses dias nenhum visitante no Instituto do Coração chegou a surpreendê-la com roupas desalinhadas, unhas por fazer ou cabelo despenteado de alguém que, como ela, passou noites e mais noites sem dormir.

Hoje ela pode não sentir a frustração de ser primeira dama, mas certamente lamentará não comemorar daqui a dois anos, como havia combinado com Tancredo, as bodas de ouro do casal, na pequena capela onde se casaram. Apenas com alguns amigos e a família.